

# A ABELHA

SEMANARIO DE INSTRUÇÃO

SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

COLLABORADORES:

Alfredo Campos;—Amalia Flores (D.);—Albertina Paraizo (D.);—Alice Moderno (D.);—Antonio Fogaça;—Anthero Figueiredo;—Arthur Soares;—Braulio Caldas;—Carlos Braga;—Eugenio de Castro;—Firmino Pereira;—Gonçalo Sampaio;—Gonçalo Huet Bacellar;—Hippolito Maya;—João Penha;—José Simões Dias;—Jayme Filinto;—Miguel Salto-Mayor (D.);—Marianna Coelho (D.);—Nuno Rangol;—Pereira Caldas;—Sebastião Pereira da Cunha;—Santos Mello;—Trindade Coelho;—Teixeira Coelho;—Teixeira Lobato;—Vicente Novaes, etc., etc.

## UMA LUCTA DE POETAS

**B**ELCHIOR Manoel Curvo Semêdo Torres de Sequeira, foi um poeta dos mais distinctos dos principios do presente seculo. Era natural de Monte-mór o Novo, capitão reformado do corpo de engenheiros, empregado na alfandega grande de Lisboa, cidade esta onde falleceu a 28 de dezembro de 1838, na já não curta idade de 72 annos.

O seu merito litterario anda aquilatado já por auctoridades superiores á nossa, que o collocam ao lado dos primeiros modelos no dythirambo e no apologo, entre nós (1). «Curvo Semêdo (diz Rebello da Silva) sem emparelhar com Elmano (Bocage), dava ás fabulas tanto sabôr original e tanto agrado delectoso, que Lafontaine—o mestre—não as acharia indignas do seu nome. Na embriaguez delirante do dythirambo unia a sciencia do metro á audacia da phrase e á belleza da imagem (2).

Tanto Curvo Semêdo como Bocage pertenceram á segunda Arcadia, creada em Lisboa em 1790. Esta associação de poetas muito menos notavel em merito litterario, do que a primeira Arcadia, tornou-se todavia celebre pelas dissidencias entre os seus socios, promovidas todas pelo character irrequieto de Bocage, e pelo desmedido orgulho, com que queria impor aos companheiros uma admiração cega do seu, alias brilhante, talento.

«Deslumbrado com os applausos obtidos pelo volume das suas *Rythmas*, impresso em novembro de 1791 (escreve ainda Rebello da Silva) arrogou-se um tom despotico e insolfrível, e cansando a paciencia de muitos, offendeu por fim o melindre de todos. Foi-se envenenando a animosidade, até que não cabendo no recinto da academia, saio á praça publica; e as hostilidades romperam com tal ardor, que logo patentearam a viveza dos odios.»

O primeiro tiro, que se seguiu ao surdo fermentar das invejas e odios dos arcades, parece ter partido de Bocage. E' um soneto fulminante, em que são cobertos de ridiculo todos os mem-

bro da corporação, não excluindo o proprio presidente, que mais se prestava, pela sua triste figura, physica e litterariamente fallando, aos assomos da critica zombeteira do implacavel censor (1).

Empenhado assim o tiroteio, accudiu Curvo Semêdo ao campo da peleja, como aquelle que, de entre os arcades, e depois de José Agostinho de Macedo, era o mais apto para medir forças com o terrivel *Vate Elmano*.

Curvo respondeu com o seguinte soneto:

Morreu Bocage! Sepultou-se em Gôa!  
Chorae, moças venaes; chorae, pedantes,  
O insulso estragador de consoantes,  
Que tantos tempos aturdiu Lisboa!

Por aventuras mil teve a corôa,  
Que a fronte cinge dos heroes andantes;  
Inda veio de climas tão distantes  
A' tóa vegetar, versar á tóa.

Este, que vês com olhos macerados,  
Não é Bocage, não rei dos brégeiros;  
São sômente os seus ossos descarnados.

Fugio do cemiterio aos companheiros;  
Anda agora penando os seus peccados  
Glosando aos..... pelos outeiros.

O combate proseguiu entre os dous atletas, sempre n'este mesmo terreno, e com armas mais ou menos temperadas na agua fetida dos canos de esgoto.

Bocage, entre outros arremêços, enviava este ao seu contendor:

Junto ao Tejo entre os ternos amorinhos  
As Belmiricas musas pequeninas,  
Para agradar a estupidas meninas,  
Haviam fabricado uns bonecrinhos;

Com elles os mimosos rapasinhos,  
Que são mui folgasões e mui traquinas,  
Armaram mil subtis alicantinas,  
E os tancaram depois n'uns despejinhos.

(1) «Noticia da vida e obras de Bocage», por J. Feliciano de Castilho, na «Livreria Classica»

(2) «Memória biographica e litteraria acerca de Bocage» — offerecida á Acad. Real das Sciencias.

(1) Presidia ás sessões da Arcadia o mulato improvisador Caldas, a quem Bocage alludia chamando-lhe «neto da rainha Ginga».

Eis Tágide louçam, de eburneo collo,  
A quem não vencerá, por mais que lute,  
O nosso Belmirinho, anão de Apollo;

Surge d'agua, e lhe diz: Filhinho, escute;  
Olhe com que noticia hoje o consolo!  
E' poeta do rei de Lilipute.

N'este soneto ridiculisa Bocage o abuso dos diminutivos, que Belmiro (era o nome arcadico de Curvo Semêdo) commettia frequentes vezes nos seus versos. O final da segunda quadra, que era de um realismo porco, foi, n'esta transcripção, menos indecentemente substituido.

(Conclue)

*Philon.*

AO MAR

Na concha colossal das verdes aguas,  
N'esse teu seio, ó gigantesco mar!  
Deixa que eu dispa o coração das maguas  
E vá no fundo o meu amor lançar...

Porto, 85

*Albertina Paraizo.*

POR TI!

Tu já viste, decerto, escura maripoza  
Voando, fascinada em volta de uma luz,  
E viste que esse insecto, apenas n'ella pousa,  
Morre, porque a devora a chamma que a seduz!

Pois ouve o que eu te digo; — E' uma extranha cousa!  
Aprazível proclamo esse martyrio ou cruz!  
Que importa a fria morte... oh! sim, que importa a lousa,  
Que importa um soffrimento igual ao de Jesus?...

Que importa, se no arranco extremo e derradeiro,  
Ella pôde depôr o osculo primeiro  
N'esse ideal que a chama e lèdo lhe sorri?...

Admiro a sua morte... invejo a mariposa  
Porque ouve o que eu te digo, e uma extranha cousa  
Julgar-me-hia feliz ao expirar por ti!

Setembro de 85.

*Alice Moderno.*

O PAPAGAIO

(A' EXC.<sup>ma</sup> SNR.<sup>a</sup> D. ALBERTINA PARAISO)

Ricardo Malheiro perdera pae e mãe quando estava proximo a concluir os preparatorios no lyceu do Porto. Como os meios lhe não sobejassem, abandonou os estudos, e resolveu procurar um emprego qualquer que lhe permittisse ganhar o pão de cada dia, para não lhe ser necessario tocar na pequena legitima de seus paes, que tencionava offerecer á mulher que lhe des-se o coração.

Empregou-se, pois, n'uma casa commercial

do Porto, como guarda-livros. Passava allí a maior parte do dia, e á tarde, quando saia, passeava, depois de jantar, em frente de uma casa da rua de Cedofeita, n'uma janella da qual se via uma cabeça loira de mulher, que lhe dirigia olhares furtivos e sorrisos encantadores.

Depois, Ricardo dirigia-se a uma pequena casa que alugara, fazia festas a um papagaio que herdara de seus paes, e ao qual, em pequeno, ensinara a dizer — *Apoiado!*

E o verde passarote aprendera tão bem aquella palavra, que a pronunciava frequentes vezes, sempre com o entusiasmo de um deputado bruto. Se Ricardo fallava ao creado, o papagaio deixava terminar o discurso, e flauteava todo cheio de si proprio:

— *Apoiado! apoiado!*

×

Um dia, Ricardo recolheu a casa, preocupado, e como sempre, correu para o seu papagaio, que lhe festejava a chegada com gritos alegres.

N'aquelle dia, Ricardo não vira o objecto dos seus sonhos doirados; havia dias que aquella cabecinha loira não aguardava a sua passagem nas janellas da casa da rua de Cedofeita.

O creado, despertado pelo papagaio, que lhe denunciava a chegada do amo, entrou na sala, fez a saudação do costume, e entregou a Ricardo uma carta, cujo perfume indicava que momentos antes fôra affagada por mãos de donsel afeminado.

O mancebo ordenou ao creado que se retirasse. Este, porém, objectou:

— *Deixe-me ficar. Quem sabe se trará alguma noticia desagradavel?*

— *Porque suppões isso?*

— *Por nada, senhor Ricardo; por nada...*

— *Mas então...*

— *Isto mulheres... quem sabe? O bicho mulher, senhor Ricardo... Não ha que fiar!*

— *Bem. Deixa-me só. Tenho força para receber todos os golpes, ainda que elles venham retalhar-me o coração.*

O creado retirou-se, e o papagaio flauteou: — *Apoiado!*

×

Ricardo parecia hesitar em rasgar o envelope da carta. Dir-se-hia que uma nuvem lhe cobria o coração.

Abriu uma gaveta da pequena commoda, tirou d'ella um maço de cartas, e escolheu uma, a ultima, que continha os seguintes periodos:

«*Se te esquecerei? se deixarei de amar-te? Ah! tu não conheces ainda a tua Herminia! E's cruel, Ricardo. Deviam bastar-te os juramentos que te hei feito. Mas se elles não bastam, meu amigo, aqui lavro outro, para o qual chamo Deus por testemunha: «Amo-te, e juro que te amarei sempre, sempre!»*

Ricardo ficou pensativo por alguns instantes; depois disse resolutio:

— *Que temor tão estúpido! Ella ama-me, e jurou amar-me sempre. Minha querida Herminia!*

E suspirou, ao mesmo tempo que o papagaio gritava:

—Apoiado!

A carta foi aberta. Ricardo leu:

«Exc.<sup>mo</sup> Snr.

Como sei que V. Exc.<sup>a</sup> devota um amor louco a minha prima Herminia, recommendo-lhe que leia a carta junto. Ajúise a sangue frio da figura que tem feito. Como amigo, aconselho-o a que empregue melhor os devaneios do seu coração amoroso.

*José Damasio.*»

Em seguida, o mancebo leu a carta seguinte, em que reconheceu a lettra da sua amada:

«Primo adorado

A minha mamã deu-me hoje a grata noticia do nosso casamento, que deverá realisar-se breve. Suppõe a minha alegria! Vamos emfim viver juntos, um para o outro, no mais ardente amor! Esta lembrança faz-me morrer de alegria. Havemos de ser muito felizes, sim?...»

Roberto não leu mais. A folha de papel escapou-se-lhe das mãos, e o pobre moço caiu, com a vista turva pelo soffrimento, sobre uma cadeira de braços, exclamando:

—Perjura! E eu que a amava tanto! Oh minhas pobres esperanças! oh minhas loucas illusões de amor!

E começou a chorar, enquanto o papagaio vibrava uma gargalhada, e flauteava com entusiasmo:

—Apoiado! apoiado!

×

Passados poucos momentos, o creado ouviu um tiro. Correu á sala proxima, e deparou com o cadaver de seu amo, ensanguentado, estendido no chão, e com as cartas amarrotadas na mão esquerda.

O papagaio gargalhava ainda, e na sua laringe modulava-se alegremente:

—Apoiado! apoiado!

O animal, sem sentimentos, ria sobre o cadaver do amo, como o mundo ignorante, que não comprehende o coração humano, ria depois de um louco, que morreu de amor.

*Albano Coelho.*

#### FLORES MURCHAS

Por mais que chore as tristes, murchas flores  
Da minha supultada mocidade,  
Como quem chora, em magoa e na saudade,  
Um riso bom e uns olhos seductores,

Não ha pranto, que tenha alguns frescores  
Para as volver á radiosa idade,  
Nem supplica de amor e de piedade  
Que as chame á vida, ao sol, aos esplendores.

Feridas pelo tempo, ao chão lançadas  
Pobres rosas da minha juventude,  
Por annos despiedosos maltratadas,

Atapetae-me ao menos o ataude  
Quando as horas tiver tambem contadas,  
E a outros mundos os meus passos mude.

*Alfredo Campos.*

#### TANTALO DE LUZ

(A Vicente Novaes)

Eu disse, um dia, á Descrença:  
—Companheira! ó minha amiga!  
Inda que a Dôr me persiga  
Toda a vida, e por fim, vença;

E os dogmas da Indifferença  
Inda que o mundo bemdiga,  
E ao meu coração diga:  
—Para, emfim, cratera immensa!

Inda mesmo n'esse instante,  
Em que a existencia me corte  
O negro leão da Morte:

Irei ainda á estoica amante,  
De joelhos, supplicar  
A benção do seu olhar!

Sabrosa—85.

*Teixeira Coelho.*

#### A LENDA DAS TRES ROSAS

(CONTO ALLEMÃO)

Era um dia um principe que possuia tres rosas no seu jardim, tres formosissimas rosas, inebriantes de aroma, deliciosas na sua bella côr, tres maravilhas desabrochadas.

—Que pena!—disse um dia Sua Alteza—que uma d'estas rosas não viva, uma noite só que fosse! Que não possa reunir, ainda que não fosse senão por algumas horas, aos perfumes da flôr as graças e as fórmas da mulher!

Ao ponto lhe appareceu um genio amabilissimo.—Nunca faltam aos principes.

—Que o teu desejo se cumpra—disse elle.

—A rosa será mulher?

—Sim.

—E hei-de pussuil-a?

—Sim. Mas ha sempre condições nos contractos dos genios...

—Qual é?—perguntou o principe.

—A rosa ha-de voltar a ser flôr, de madrugada, á primeira badalada das Ave-Marias.

Tudo se passou como o espirito sobrenatural promettera.

A rosa tomou formas, olhos, braços, e ao cahir da noite, foi ter com o principe, cujo leito embalsamou. Foi um extasi delirante, uma felicidade de mussulmana no paraizo de Mahomet.

Mas quando deram as primeiras badaladas

das Ave-Marias, a joven mulher esvaiu-se como uma sombra, como um sonho. Sò ficou na camara discreta um vestigio da passagem da formosa complacente, um cheiro de uma suavidade de se morrer de delicia.

O principe, louco de amor, levantou-se e precipitou-se no jardim á procura da sua querida. Encontrou as tres rosas direitas nas suas hastes; a que fizera a sua viagem nocturna retornara o seu logar, e era impossivel distinguil-a das suas irmãs.

—Qual das tres pussui eu?—exclamou com desespero o apaixonado principe.—Não existe coisa alguma que me possa indicar qual é a flôr que enche a minha alma?

—Procura!— respondeu o genio, apparecendo de subito.

—E' impossivel de adivinhar; as tres flôres são semelhantes, não existe nem uma só fractura na sua haste nem uma petala de menos na sua corolla, nem uma folha que falta ao seu calice.

—Pois é bem simples,—disse o genio;—uma das tres rosas passou a noite comtigo?

—Passou.

—Só voltou para a roseira, á primeira badalada das Ave-Marias?

—Exacto.

—Pois bem! a flôr que foi tua companheira é facil de conhecer... é a que não tiver na corolla nem uma gota dos orvalhos do céu.

#### CALINADAS

Lê-se no Domingo:

«Plantas, flores e legumes.—Os moradores do Campo Novo querem alli a feira d'estes *objectos*».

Era melhor que dissesse *d'estes tarecos*. Isso era collega!

×

No mesmo Domingo vem uma poesia (?) intitulada *A perpetua e a rosa*, de que decepamos o seguinte, textualmente:

«E' linda da perpetua a côr gemada

Digo joven formosa;

Mas mais linda que a rosa

Nos cyprios bosques não se encontra nada

Que côr tão encarnada!

Que tão suave cheiro!

Com teu odor, ô rosa, a ser amante

Tu ensinas primeiro.

Mas ai! de então fatal quão lisongeiro!»

Etc.

O resto, orça por isto:

«Indo eu pela rua abaixo

Petilhei-te no ferrolho

Veio teu pae de dentro

E deu-me e'um sóco na alma».

O snr. J. V. é um portento a fazer versos!

E as batatas a apodrecerem por falta de quem as cave...

×

No mesmo Domingo lê-se:

Sameiro.—Diz-se que as Mezas do Sameiro

acusadas no relatorio da Commissão *instincta* vão responder, etc.

*Instincta!*... E' simplesmente monumental! Monumental d'uma vez!...

#### CHARADA

Pôde ser grande ou pequena,  
Luxuosa, enxovalhada,  
Mas confessam que é precisa  
A' gente civilisada. }<sup>2</sup>

Se lhe pões mais uma lettra,  
Não a digas a ninguem,  
Pois é palavra grosseira,  
E grave injuria contém. }<sup>1</sup>

Esta sim; esta é mui util;  
E mal vai aos lavradores  
Se a não teem quando Cêres  
Lhes dispensa os seus favores. }<sup>2</sup>

Agora em quanto a conceito,  
Que hei-de dizer?... Tu verias  
Figurar na «Abelha» o todo  
Ainda não ha quinze dias.

\*\*\*

#### LOGOGRIPO

(Ao meu estimavel amigo F. Carmona)

EXCEDEU o seu vallor—1—2—3—5—  
Existe nas arvores—3—7—4—5  
Faz o galanteador—6—2—4—5—3—7  
Onde toma banho—4—7—3.

E' appellido

Barcellos, 85

A. d'Oliveira.

Solução do logogrifho do n.º antecedente:  
*Infante*. Das *Novissimas*:—1.ª *Alba-no*;—2.ª *Mari-anna*;—3.ª *E-pi-gramma*;—4.ª *Se-mana-rio*.

#### EXPEDIENTE

Mais dous nomes distinctos vieram illustrar a sympathica lista dos collaboradores da «Abelha». São as excellentissimas senhoras D. Albertina Paraiso, que, assim como o excellentissimo senhor Alfredo Campos, acaba de ser nomeada socio da Academia Montréal, em França, e D. Alice Moderno, cujo valor litterario os nossos leitores pôdem avaliar pelo magnifico soneto que hoje publicamos.

Tencionamos augmentar a lista dos nossos collaboradores com muitos nomes distinctos, por demais conhecidos na republica das lettras.

×

O n.º 11 da «Abelha» não sairá no proximo domingo, mas sim no seguinte, 8 d'outubro.

Tencionamos augmentar mais 4 paginas a esta publicação, mas para isso precisamos de augmentar a assignatura.

Porisso, não publicaremos no proximo domingo jornal, porque tencionamos ter aqui breve as assignaturas que nos faltam para melhorar esta publicação no fim do trimestre, que finda com o n.º 12.

Para regularidade do expediente, que vae augmentar consideravelmente, pedimos aos nossos actuaes assignantes o obsequio de nos enviarem a importancia das suas assignaturas em sellos ou valles do correio, antes de terminar o trimestre.

#### CORRIGENDA

No n.º anterior d'este jornal, saiu um erro typographico grave, que mutila um verso inteiro. No soneto \*\*\*, onde se lê:

C'os volveres singellos,

deve ler-se:

C'os seus volveres singellos.